



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

## AQUI OU ACOLÁ: USO DA UNIDADE LEXICAL *MACAXEIRA* NO SUL DO MATO GROSSO DO SUL

Luciene Gomes Freitas MARINS (UFMS)<sup>1</sup>

Eixo 3 – Formação continuada

### Resumo

Na contemporaneidade, a compreensão dos processos migratórios tem sido de grande relevância para a discussão da variação linguística. Por esse entendimento, este trabalho tem como objetivo precípuo descrever uma parcela de dados obtidos no âmbito de um projeto mais amplo sobre o português falado por nordestinos e por seus descendentes em situação de contato no sul do Mato Grosso do Sul. Neste estudo foram analisadas as respostas obtidas para a pergunta 003 vinculada à área *semântica da alimentação*, do Questionário Semântico-Lexical (QSL/003) utilizado para a pesquisa: *aquela raiz branca por dentro, coberta com uma casca marrom, que se cozinha para comer?* Os dados foram coletados em dois distritos e em três municípios do estado do Mato Grosso do Sul, situados na faixa territorial da extinta Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), totalizando cinco pontos: distritos de Vila Vargas e Vila São Pedro; município de Fátima do Sul, de Jateí e de Glória de Dourados. Os princípios teórico-metodológicos foram buscados à luz da Geolinguística Pluridimensional e Relacional (RADTKE, THUN, 1996), considerando, para o nível lexical, as dimensões diatópica, diastrática e diageracional. No conjunto geral dos dados, os informantes mencionaram, por meio da técnica de pergunta em três tempos (pergunta, insiste e sugere), três denominações para o conceito contemplado: *mandioca*, *macaxeira* e *aipim*. Os resultados revelaram a manutenção das variantes *macaxeira* e *aipim* (variedades de uso comum no Nordeste) na fala dos jovens em todas as localidades selecionadas para a pesquisa, independentemente do nível escolar. Enfim, a comparação dos dados fornecidos por informantes nordestinos e pelos descendentes contribuem para o entendimento dos usos dialetais dos grupos com maior mobilidade espacial.

**Palavras chave:** Estudo topodinâmico. Mato Grosso do Sul. Nordestinos.

<sup>1</sup> Docente UFMS lucienefreitasmarins@gmail.com

## 1. Introdução

A mobilidade espacial ocorre desde o início da história da humanidade e cada vez mais tem contribuído para a heterogeneidade cultural, social e linguística dos diferentes povos. No campo dos estudos dialetais, o deslocamento populacional tem impulsionado novos modelos teórico-metodológicos de análise e de descrição das variedades linguísticas utilizadas por falantes de perfil topodinâmico, conforme Radtke e Thun (1996).

Assim, pautado nos pressupostos pluridimensionais e contatuais defendidos por Radtke e Thun (1996), a produção do atlas bilíngue português-espanhol *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), de Thun e Elizaincín (2000), no norte do Uruguai e na fronteira com o Brasil, serviu de modelo teórico-metodológico para diversos estudos brasileiros voltados à análise e à descrição de línguas e suas variedades coexistentes.

Essas pesquisas que buscam o estudo das diferentes dimensões são chamadas por Radtke e Thun (1996) de Dialetologia Pluridimensional. Para eles, a Geolinguística Pluridimensional herdou, sem dúvidas, muito da fase monodimensional, inovando alguns procedimentos do método. Para isso, nessa nova fase, buscou-se desenvolver um amplo projeto de variação que associasse o modelo da Dialetologia à Sociolinguística, considerando o estudo da diatopia em dois parâmetros: o topostático e o topodinâmico, além de reunir em sua metodologia um amplo repertório de dimensões (ou variáveis) – dialingual, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial. Dessa forma, o espaço é entendido como pluridimensional, pois revela diferentes graus de variação da língua estudada. Por meio dos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia com enfoque na área geográfica é possível estudar a dimensão diatópica (topostática e topodinâmica) enquanto os pressupostos da Sociolinguística permitem o estudo das dimensões sociais.

No que se refere aos trabalhos realizados com base nesse modelo teórico na região Centro-Oeste, local de povoamento mais recente, pode-se mencionar, por exemplo, as pesquisas de Barros (2014), Figueiredo (2014) e Cuba (2015), realizadas no Mato Grosso (MT). Os estudos do primeiro autor tratam da migração e da territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos

Gaúchos (MT). A segunda autora teve como objetivo descrever o comportamento linguístico de migrantes gaúchos e de seus descendentes em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa, com base em dados recolhidos em três localidades caracterizadas por intensas migrações de gaúchos no estado de Mato Grosso: Porto dos Gaúchos; Sinop e Sorriso. A última pesquisa, por sua vez, além de sete cidades do norte de Mato Grosso, abrangeu duas localidades de Rondônia, uma de Goiás e uma de Tocantins, pois teve como objetivo mais amplo a elaboração do *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico* (ALTTI), documentando e descrevendo as variedades do português falado na área considerada “território incaracterístico” por Nascentes (1953).

Com base nessa metodologia, este trabalho recupera os resultados obtidos por Marins (2019) que teve como principal objetivo descrever o português falado por nordestinos e por seus descendentes em situação de contato no sul do Mato Grosso do Sul e soma-se ao leque de estudos já realizados que adotam o parâmetro topodinâmico. Para tanto, foram entrevistados os seguintes perfis de informantes para coleta de dados: a) migrantes nordestinos, acima de 50 anos, homens e mulheres, subdivididos em dois grupos: um com baixa ou nenhuma escolaridade, e o outro com ensino universitário; e b) descendentes de nordestinos, nascidos na localidade, criados por família nordestina, homens e mulheres, com idade entre 18 a 38 anos, subdivididos em dois grupos: um com ensino médio completo, e o outro com ensino universitário.

Nesse sentido, foram consideradas, para descrição e análise dos resultados, as possíveis interferências dos fluxos migratórios e da história de povoamento do antigo sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), especialmente da antiga Colônia Agrícola de Dourados (CAND), e considerando marcas [+NE] e [-NE]. Buscou-se, portanto, compreender aspectos da variação linguística, da manutenção e da inovação do português falado por habitantes de cinco localidades: dois distritos de Dourados – Vila Vargas e Vila São Pedro – e três municípios, Fátima do Sul, Jateí e Glória de Dourados, pertencentes à extinta Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Para a discussão léxico-semântica foi selecionada a pergunta 003, vinculada à área *semântica da alimentação*, do Questionário Semântico-Lexical (QSL/003) utilizado para a pesquisa: *aquela raiz branca por dentro, coberta com uma casca marrom, que se cozinha para comer?*

Enfim, os dados aqui discutidos podem traduzir o uso de normas regionais, sejam elas mais características da região Nordeste, sejam do Mato Grosso do Sul. Os moradores situados em localidades pertencentes à antiga CAND ainda conservam fortes traços da representação linguística, social e folclórica das regiões nordestinas.

## **2. Breve contextualização sobre a chegada dos nordestinos à COLÔNIA NACIONAL AGRÍCOLA DE DOURADOS (CAND)**

O espaço selecionado para esta pesquisa é concebido aqui como dinâmico, entendido na relação entre Mato Grosso do Sul (região da Grande Dourados) e estados da região Nordeste. Além do mais, não se pode desconsiderar que a gênese desse estado também está articulada ao então estado de Mato Grosso, do qual foi desmembrado oficialmente em 1977 (OLIVEIRA, 2015).

Essa porção de terras, atual Mato Grosso do Sul, teve desenvolvimento econômico, territorial e político progressivo. Os municípios sul-mato-grossenses foram sendo criados por diversos motivos, devido tanto à boa qualidade da terra quanto às benfeitorias, em termos de infraestrutura, que começaram a surgir. Embora se tenha conhecimento de diversos grupos populacionais que contribuíram para o processo de povoamento do Mato Grosso do Sul, tais como os paraguaios, japoneses e gaúchos, coube aos nordestinos o mérito da ocupação da região de Dourados (sul do Mato Grosso do Sul) por meio da implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1943<sup>2</sup>, que cumpria o seu objetivo mais amplo de ocupação e colonização das terras e, conseqüentemente, “o descongelamento das cidades, como um dos supostos objetivos da Marcha para o Oeste” (MENEZES, 2012, p. 15).

A implantação dessa colônia agrícola fazia parte de um projeto federal mais amplo de reforma agrária, instituído pelo presidente Getúlio Vargas, para a expansão populacional da ocupação dos “grandes espaços vazios” e a proteção das fronteiras brasileiras. Por ser uma área de fronteira, com baixa densidade demográfica, o sul do antigo Mato Grosso foi escolhido para sediar a CAND, iniciativa que trouxe profundas transformações no território da Grande Dourados.

---

<sup>2</sup> Cabe lembrar que essa porção de terras ainda pertencia ao então estado de Mato Grosso, pois apenas em 11 de outubro de 1977, quando o atual presidente Ernesto Geisel assinou a Lei de Divisão de Mato Grosso, essa área passou a pertencer oficialmente ao Mato Grosso do Sul.

O Decreto nº 5.941, de 28 de outubro de 1943 (publicado no Diário Oficial de 30 de outubro de 1943), cria a Colônia Agrícola Nacional de Dourados no território de Ponta Porã. Segundo Menezes (2012, p. 23), “com a sua extinção a área que seria destinada à CAND voltou a pertencer ao Estado de Mato Grosso. Sendo assim, por meio da Lei estadual nº 87 de 20 de julho de 1948 ficou especificado[a] a localização da CAND no interior do município de Dourados, bem como seus limites”. Com isso, instaurou-se um conjunto de medidas protecionistas de ocupação, industrialização e de integralização de Dourados ao cenário nacional e de incentivo à produção agrícola como base da economia brasileira, por meio da Campanha Marcha para o Oeste (RICARDO, 1970).

Para que os trabalhadores brasileiros se entusiasmassem a povoar a nova área de baixa densidade demográfica, o governo investiu em campanha, buscando novos desbravadores, construtores de uma nova nação de fartas terras na “Canaã do Oeste” (MELO e SILVA, 1989)<sup>3</sup>. A campanha massiva, via rádio e boca a boca, trazia forte apelo ideológico para que famílias, que traziam apenas a força de trabalho, pudessem aceitar, além da dura trajetória, o árduo trabalho da derrubada das matas e a lida com a terra.

Do ponto de vista territorial, a colônia era formada por 267.000 *ha*, divididos em duas zonas separadas pelo rio Dourados. Ao lado esquerdo do rio, era localizada a primeira zona, com 68.000 *ha*; do lado direito, a segunda zona, com 199.000 *ha*. Silva (2011, p. 11) especifica que a primeira zona foi demarcada em 1944, com 2.332 lotes rurais (68.000 hectares) e 6.876 lotes urbanos (8.798 m<sup>2</sup>), enquanto a segunda zona foi demarcada em 1950, com 6.500 lotes rurais (199.000 hectares) e 6.832 lotes urbanos.

Essa área da CAND, atualmente, corresponde aos dois distritos de Dourados, Vila Vargas e Vila São Pedro e aos municípios de Fátima do Sul, Vicentina, Glória de Dourados, Jateí, Deodápolis e Douradina. Desse conjunto, foram selecionados para este estudo os dois primeiros povoados que compuseram a CAND, onde se fixaram as levas pioneiras de migrantes: Vila São Pedro e Vila Vargas, ambos, na atualidade, distritos de Dourados, por terem sido os dois primeiros polos de fixação dos migrantes

---

<sup>3</sup> A propagação de que essas terras seriam a Nova Canaã, um lugar “onde correria leite e mel”, circulava por todo o país. Esse pensamento foi apurado nas entrevistas com os informantes, até mesmo com aqueles que chegaram à região décadas após a doação de terras. Todos os entrevistados, nordestinos ou seus descendentes, apontaram como principais motivos para o deslocamento para o sul de Mato Grosso a oportunidade de possuir boas terras e condições de obter uma vida melhor.

nordestinos na colônia; além desses dois distritos, foram selecionadas mais três cidades-sede de municípios que foram projetadas para atender aos interesses da CAND: Fátima do Sul (antiga Vila Brasil), Jateí e Glória de Dourados (antiga Vila Glória).

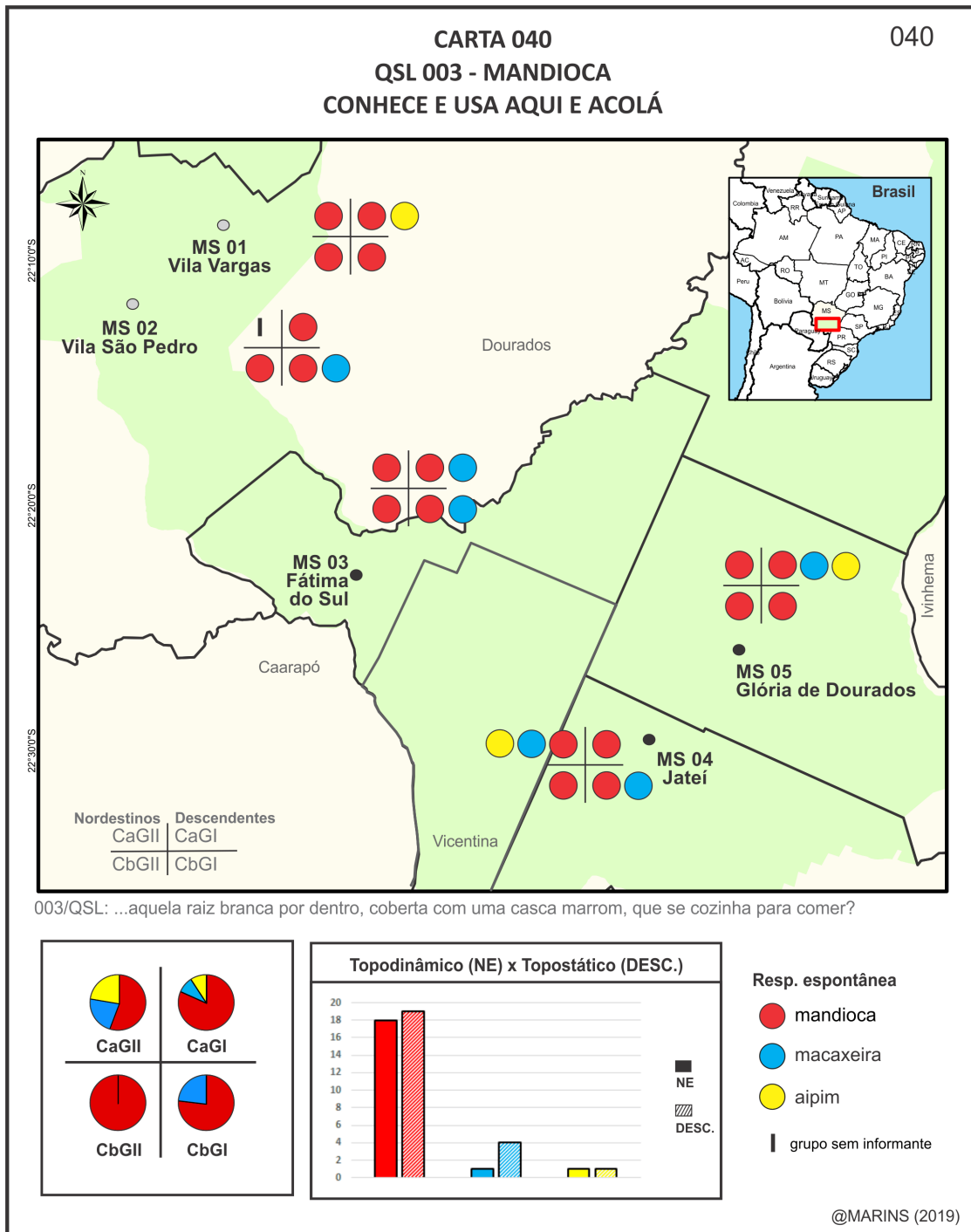
Enfim, os migrantes nordestinos compõem o tabuleiro sociocultural da região. Essas questões que caracterizam o território da extinta CAND atuam como elementos importantes para a compreensão da língua veiculada pela população local, tema discutido no próximo subtópico.

### **3. Aqui ou acolá: a vitalidade da unidade lexical macaxeira em decorrência da migração**

Este estudo coletou três unidades lexicais, são elas: *mandioca*, *macaxeira* e *aipim* para o referente apresentado. Para o mapeamento das respostas espontâneas, também foram cartografadas as respostas obtidas por sugestão ou por algum *status* da resposta, quando se julgou necessário – a) “conhece e não usa”; b) “conhece e não usa mais”; c) “conhece e usa apenas lá” (localidade matriz do informante) e, d) “conhece e usa apenas aqui” (local de destino); além disso considerou-se o uso das seguintes siglas para representação do perfil dos informantes: Ca (grupo com maior nível escolar), Cb (grupo com menor nível escolar), G1 (geração jovem) e GII (geração mais velha).

A Figura 01, a seguir, que reúne as designações de respostas espontâneas para “aquela raiz branca, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer” (QSL 003), revelou a manutenção das variantes *macaxeira* e *aipim* (variedades de uso comum no Nordeste) na fala dos jovens em todas as localidades selecionadas para a pesquisa, independentemente do nível escolar, considerando as respostas “conhece e usa aqui e acolá”.

**Figura 01 - Variantes lexicais de “mandioca”**



Fonte: Elaborada pela autora. Marins (2019, p. 154)

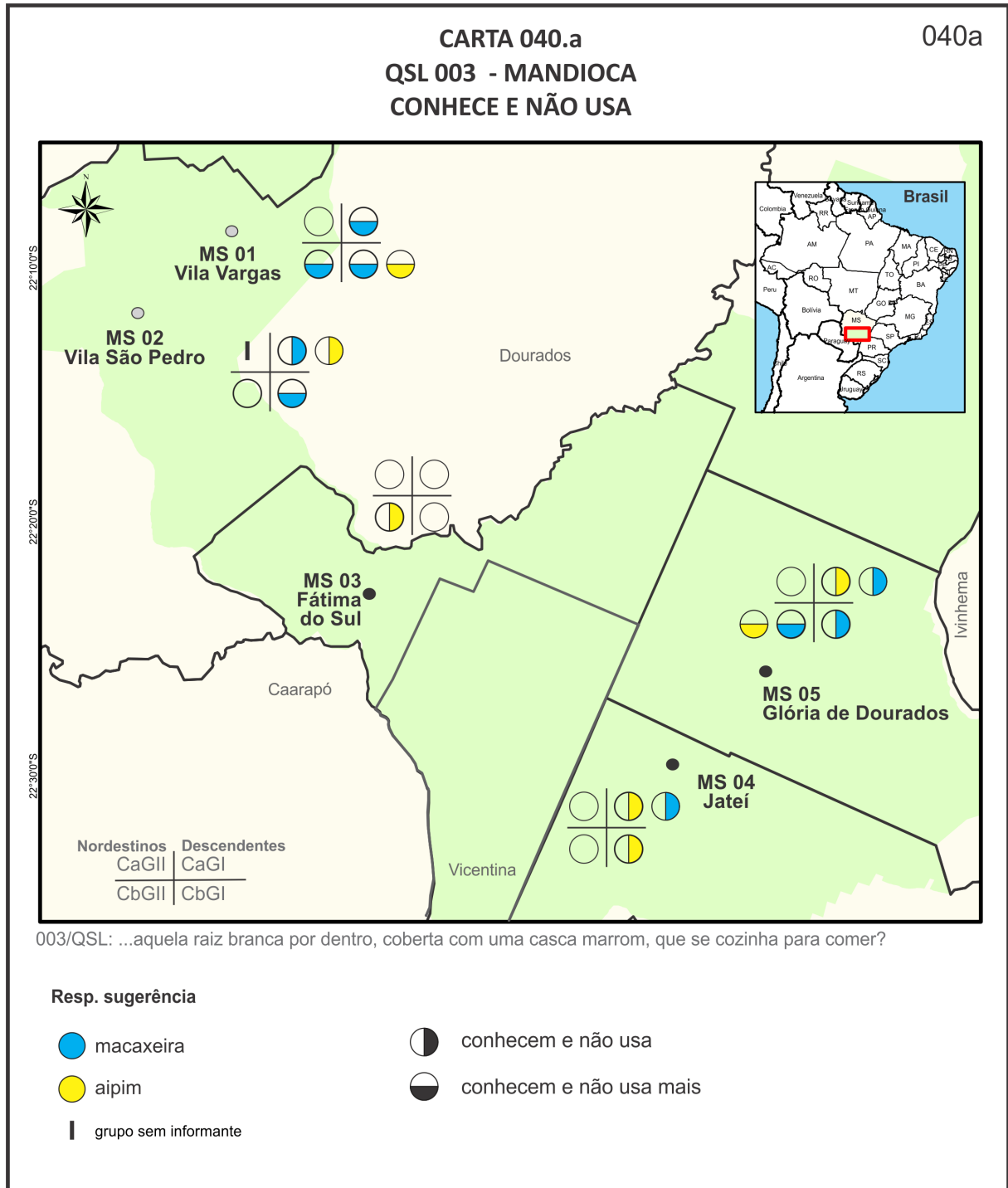
É curioso notar, segundo os dados do gráfico da carta 01, que as designações *macaxeira* e *aipim* não foram mencionadas por CbGII. Em contrapartida, entre os CaGI e os CbGI, essas mesmas designações foram apuradas, o que evidencia que se trata de nomeações trazidas para Mato Grosso do Sul pelos migrantes nordestinos e aceitas entre os descendentes, conforme atesta a afirmação do jovem (CaGI) de

Fátima do Sul: – *quando meus tios estão reunidos, sai uma macaxeira* (risos) – e da jovem dessa mesma localidade: – *o nome é mandioca, mas a gente fala muito macaxeira mesmo.*

Para compreender essa tendência inusitada da não documentação das variantes [+NE], *macaxeira* e *aipim*, especificamente no grupo dos migrantes com baixa escolaridade (CbGII), buscou-se apurar as respostas obtidas também espontaneamente, mas sinalizadas por eles como “não as uso” ou “não as uso mais”, conforme o registro nas figuras 02 e 03, a seguir.



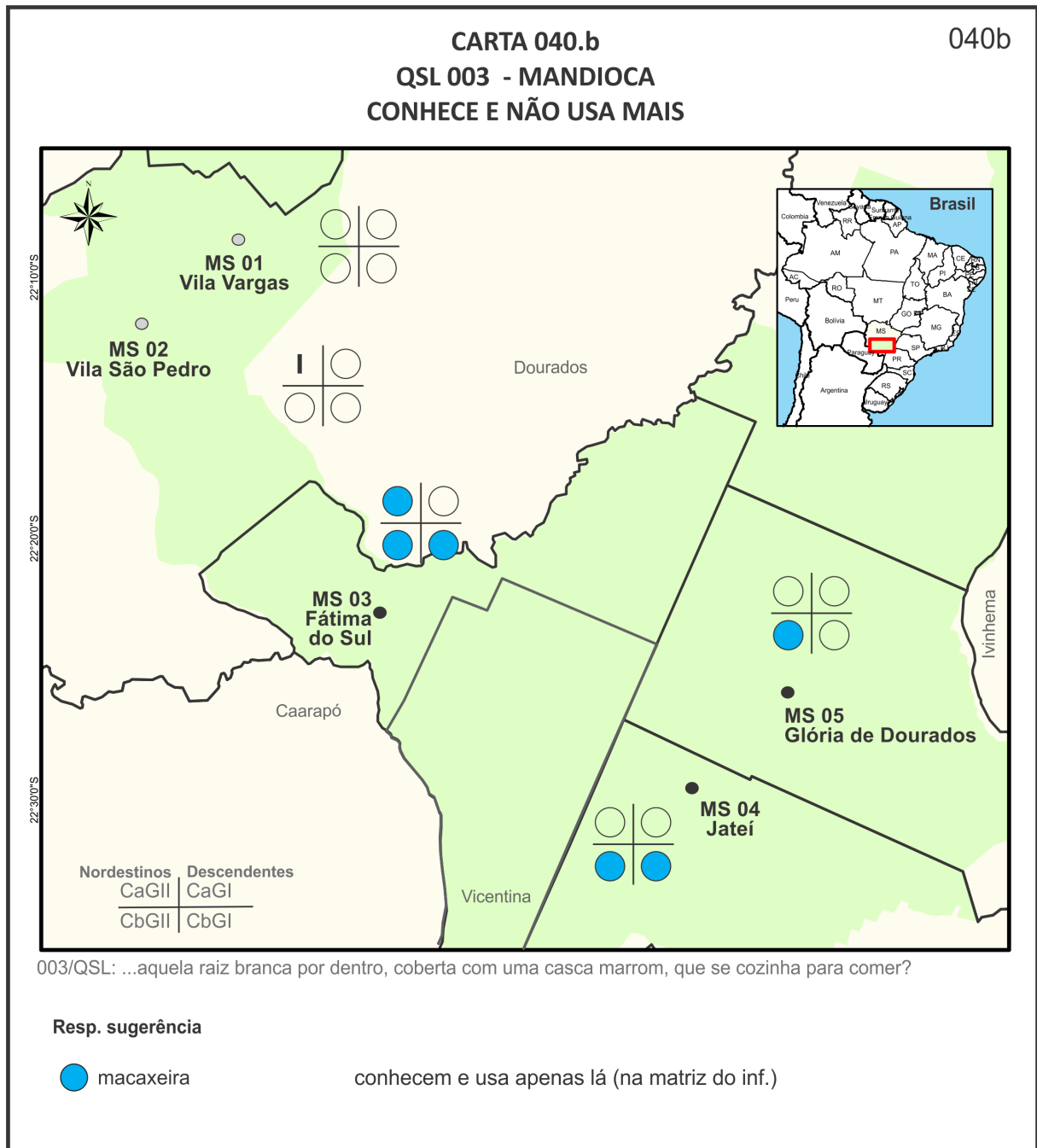
**Figura 02 - Variantes lexicais de “mandioca”**



Observa-se na Figura 02 que os grupos de migrantes nordestinos de Vila Vargas e de Glória de Dourados mencionaram conhecer e “não usar mais” as unidades lexicais *macaxeira* e *aipim*, variantes de uso comum no Nordeste, assim como os descendentes de várias localidades também esclareceram que, na atualidade, substituem o uso da palavra *macaxeira* pelo da unidade léxica *mandioca*.

No entanto, a identificação dos possíveis motivos para a variante lexical *macaxeira* ser mais produtiva entre os descendentes e não ter sido documentada entre os nordestinos com menos escolaridade condiz com os dados contabilizados na Figura 03, a seguir, que apresenta as respostas sinalizadas pelos entrevistados como “conheço e uso apenas lá”.

**Figura 03 - Variantes lexicais de “mandioca”**



Fonte: Elaborada pela autora. Marins (2019, p. 157)

Esses fatos são aqui recuperados para evidenciar a importância do controle dos dados, considerando os *status conhece e usa, conhece e não usa, conhece e não usa mais, conhece e usa aqui, conhece e usa lá, conhece e usa aqui e lá*, além de separar as respostas espontâneas (apuradas nos dois primeiros tempos da entrevista: perguntar e insistir) daquelas obtidas por sugestão (terceiro tempo da entrevista: sugerir possíveis respostas conhecidas pelos falantes).

No caso dos dados apurados por meio da pergunta QSL 003, o *status* “conhece e usa lá (NE)” foi importante para justificar a baixa presença do uso da designação *macaxeira* para nomear “aquela raiz branca, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer” no Mato Grosso do Sul entre os entrevistados do grupo CbGII. Nesse sentido, foi possível perceber que os nordestinos, diferentemente dos descendentes, fazem mais distinção entre as designações usadas na terra de chegada daquelas em uso na terra natal, preservando, assim, o uso da palavra *macaxeira* quando estão no Nordeste e optando pela unidade lexical *mandioca* quando estão no Mato Grosso do Sul. Em contrapartida, os jovens descendentes usam as duas formas sem fazer essa distinção.

Enfim, os resultados obtidos para essa questão reforçam que o fator migração pode interferir na consciência da seleção lexical do falante no que se refere ao caráter diatópico, seleção essa diferenciada daquela para uso no local de chegada. Esse caso também pôde ser observado nos dados coletados para papa cremosa em que a maioria dos entrevistados nordestinos afirmou que, no local de chegada, usam a variante *curau* para nomear a “papa cremosa, feita com coco e milho verde ralado”; no entanto, na terra natal, fazem naturalmente a substituição pela variante *canjica*.

## **Considerações finais**

Para concluir, o estudo buscou compreender aspectos da variação linguística, da manutenção e da inovação do português falado por habitantes de cinco localidades: dois distritos de Dourados – Vila Vargas e Vila São Pedro – e três municípios, Fátima do Sul, Jateí e Glória de Dourados, pertencentes à extinta Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND).

Assim sendo, pesquisar, descrever e analisar características linguísticas da fala dos habitantes do grupo selecionado é, a um só tempo, compreender a história

político-social do Estado Mato Grosso do Sul e contribuir para o avanço do estudo da variedade regional da Língua Portuguesa falada nesse Estado, possibilitando, por sua vez, possíveis reflexões sobre os métodos de ensino da língua, já que na pesquisa analisa-se o nível semântico-lexical com enfoque na variedade local.

Os dados obtidos como resposta para a pergunta “aquela raiz branca, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer” (QSL 003) refutam parcialmente a hipótese de que o falar usual no Mato Grosso do Sul tem maior vitalidade na fala dos descendentes de nordestinos. Como discutido, entre os descendentes de nordestinos não são encontradas apenas marcas do falar regional de Mato Grosso do Sul, mas também a preservação de normas típicas da região Nordeste, como a lexia *macaxeira*, repassadas de geração a geração e mantida, surpreendentemente, com maior vitalidade entre os jovens descendentes (GI) do que entre os migrantes nordestinos (GII).

Enfim, espera-se que a discussão aqui apresentada tenha contribuído para a compreensão do português falado no Mato Grosso do Sul, onde há a comunhão de diversas variedades (território multivarietal) – e, por extensão, também para fornecer subsídios para as reflexões da variedade linguística falada na região Nordeste do país.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Fernando Hélio Tavares de. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos -MT: configurações do multilinguismo em fronteira da Amazônia*. 2014. 167 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

CUBA, Marigilda Antônio. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico - ALTTI*. 2015. 497 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. 2014. 299 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. *O falar dos nordestinos em contato no sul do Mato Grosso do Sul: um estudo topodinâmico*. 2019. 324 p. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul– UFMS, Três Lagoas, 2019.

MELO E SILVA, José de. *Canaã do Oeste: sul do Mato Grosso*. Campo Grande: Tribunal de Justiça, 1989.

MENEZES, Ana Paula. *Atividades econômicas na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND): a agricultura e a exploração da madeira (1950-1970)*. 137 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

OLIVEIRA, Eliane Dias de. *À procura de um norte: migração e memória de nordestinos em coxim–MT/MS 1958-1996*. 2015. 224 p. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

RADTKE, Edgar; THUN, Hard. Nuevos caminos de la geolinguística românica: un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Hard (Eds.) *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970 (Coleção Documentos Brasileiros).

SILVA, Walter Guedes da. Integração do mercado brasileiro na era Vargas e a Colônia Agrícola Nacional de Dourados. *Revista Geográfica de América Central: XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina-EGAL (Versión Electrónica)*. Costa Rica, n.02, n. 47E, 2011. p. 1- 17. Disponível em <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/issue/view/219/showToc>> Acesso em 29 jul 2016.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo (Orgs.). *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático el Uruguay*. Fasc. A. 1. Kiel: Westensee, 2000.